

## **RELATOS DE HISTÓRIA ORAL: OS LAVRADORES DOS CARIRIS VELHOS, PARAÍBA (1937-1966)**

\*Mariângela de Vasconcelos Nunes

### **RESUMO**

Este texto aponta para algumas questões relacionadas ao uso da história oral como fonte histórica, notadamente as histórias de vidas. Tais registros são evidenciados como um documento construído pelo entrevistado e o entrevistador e atualizado no presente. Para discutir esta questão falo de um medo que mobilizara os narradores nas décadas de 30 e 40 do século XX. Refiro-me ao medo do capa verde que personificara o diabo. Todavia, tais receios revelara-se no futuro do passado, presente dos narradores, uma banalidade e desta forma fora “secundarizado” pelos atores sociais escutados por mim em julho de 1995 e entre os anos de 2002 e 2003, durante as pesquisas para elaboração da dissertação e a tese respectivamente. Assim, apresento e problematizo trechos de algumas entrevistas que realizei com lavradores dos Cariris Velhos.

Palavras-chave: história oral, lavradores, capa verde.

### **INTRODUÇÃO**

Na pesquisa de campo realizada, por mim, entre os anos de 2002/2005 buscava entender os sentidos que os lavradores, dos Cariris Velhos, área de estudo, conferiram as suas experiências com o trabalho no agave<sup>1</sup>. De acordo com a investigação tal significado também estava relacionado à lenda do capa verde. Para tal empreitada usei as fontes orais: entrevistas/histórias de vida e cordéis. É a experiência, notadamente, das entrevistas que pretendo discutir neste texto. Assim, relatarei a construção destas, apontando, sobretudo, para questões que envolvem os sentidos que o capa verde despertara nos lavradores e a reação destes a minha presença. Em seguida, problematizo e contextualizo as falas dos narradores que apresento neste texto.

### **1930/1940: A CHEGADA DO AGAVE NOS CARIRIS VELHOS**

O agave é uma planta originária do México, cujo cultivo com fins comerciais, no Brasil e na Paraíba, iniciara entre 1930 e 1940. Nesta época as fibras, produto extraído

---

\*Professora doutora da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

<sup>1</sup> A pesquisa que apresento neste artigo refere-se, sobretudo ao município de Cubati, que até 1959 pertencia a comarca de Picuí, e que pelo menos até de 1950, compunha a micro-região do Médio Sertão dos Cariris Velhos. Ademais, grande parte dos entrevistados se autodefiniram como caririseiros. Atualmente, Cubati pertence à micro-região do Curimataú Ocidental.

desta lavoura era usado, sobretudo, para a fabricação de cabos de navios e fios de amarrar feno, consumidos principalmente pelos países europeus e os EUA.

No mesmo período foram plantadas nos Cariris Velhos, área em estudo, as primeiras mudas de agave. Cerca de uma década depois algumas mudanças já podiam ser percebidas na região. De um modo geral, tais transformações provocaram transtornos, notadamente, no universo cultural dos trabalhadores. Estes não estavam acostumados a disciplinas dos horários, a divisão de trabalho imposta pela mecanização, e a diminuição dos roçados, entre outras mudanças que afetavam diretamente o cotidiano dos trabalhadores rurais. “Era um fim de mundo”, como de forma lancinante balbuciava, um dos meus entrevistados, em 1996, quando realizava a pesquisa de mestrado. Era mesmo o fim de um mundo em que as terras ainda eram usadas para o cultivo dos gêneros alimentícios e não uma lavoura que sequer os caririseiros reconheciam como agricultura, pois para eles agricultura era exclusivamente os alimentos ou outras plantas que tinha uma finalidade prática em suas vidas.

Os trabalhadores, para suportar a dominação da disciplina do mundo do agave, acionaram um conjunto de táticas, que denominei em trabalho anterior de cultura da esperteza, (Nunes, 2006.) Estas práticas consistiam na desorganização provisória da produção agavieira e também na criação de um universo de histórias que diabolizavam o agave. Histórias estas que foram contadas e ressignificadas ao longo do tempo.

## **A REINVENÇÃO DA PROFECIA DO CAPA VERDE E A DIABOLIZAÇÃO DO AGAVE**

Fazia parte da cultura oral dos lavradores dos Cariris Velhos, várias profecias, algumas das quais nefastas, pois preconizavam a vinda do anticristo. As versões das profecias circulavam através da literatura de cordel e das próprias conversas entre os agricultores que iam divulgando a lenda.

Entre estas destacaram-se na construção das histórias de vida dos entrevistados dois vaticínios: o do carimbo da besta fera e o do capa verde ambas personificavam o diabo e de acordo com a pesquisa antecederam a chegada do agave, na área estudada. As duas eram assustadoras, mas evidenciarei apenas esta última que denunciava a presença do diabo na terra, o final dos tempos, a mundianização dos homens, além de castigos cruéis que recairiam sobre a humanidade: como pragas de gafanhotos e torturas

físicas, a exemplo das perfurações nos olhos e marcas brutais em outras partes dos corpos dos pecadores.

Este vaticínio, fora atribuído ao Padre Cícero, que comumente é visto pelos agricultores como sendo um intermediário entre a providencia divina e os homens e também um padre santo, capaz de realizar milagres e profetizar o futuro. Como se sabe a sociedade nordestina, notadamente a do semi-árido, sempre foi extremamente religiosa.<sup>2</sup>Regra geral, praticante de um catolicismo específico que apresentava condições peculiares, vinculadas, por exemplo, a crença em santos e padres como o padre Cícero. Portanto a profecia do capa verde era crível para os lavradores .

Ademais era narrada por poetas que incorporavam o próprio mensageiro do Santo Padre. O cordelista além de possuir o conhecimento das letras, é também considerado um relator da “verdade”. Este aspecto confere credibilidade ao poeta e suas poesias. A literatura de cordel, sobretudo em sociedades como a dos Cariris Velhos marcada pela oralidade, era extremamente acessível, na medida em que era facilmente compreendida e memorizada, devido às estratégias do poeta, que buscava conquistar seu público, recontando histórias do agrado deste.

Ora, pensei para uma comunidade “leitora de cordeis”, temente a Deus e vulnerável as palavras atribuídas ao Padre Cícero: um mundo incerto estava por vir, comandado pelo capa verde, o que certamente assustaria os lavradores. Assim, o mote da entrevista, que girava em torno do capa verde, começava indagando os medos e temores dos trabalhadores sobre o capa verde.

## **DA CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS A PROBLEMATIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FONTES**

O meu roteiro de entrevista estava dividido por temas um deles versava sobre a profecia do capa verde, os seus significados e as sensibilidades que estes despertaram nos entrevistados. Assumo aqui o meu interesse especial por esta temática. Afinal de contas esta história do capa verde fora um dos motivos que me estimulava a trabalhar com histórias de vida. Mas, para o meu desapontamento os lavradores não se mostraram, inicialmente, dispostos a falar sobre este assunto comingo e notadamente a admitir os medos que sentiam do capa verde.

---

<sup>2</sup> Sobre a religiosidade dos lavradores ver, por exemplo, Maria Izaura Pereira de Queiroz. **O Camponato Brasileiro**. Ensaio sobre a civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

Uma das primeiras respostas, que obtive, sobre os medos do capa verde ainda em 1996, foi desanimadora, o entrevistado quando indagado sobre este assunto disse que, “isto era conversa para boi dormir” Então, de forma extremamente reducionista pensei ele não é a pessoa certa para falar sobre isto, afinal, ele é um produtor e não um trabalhador. Mas, era ainda 1996 e este não era o meu objetivo.

Ao retornar ao campo, em 2002 com esta questão e com um conjunto de perguntas pensadas e elaboradas cuidadosamente e direcionadas para este assunto, mais outra surpresa, agora diante de um trabalhador. Certamente não acreditava mais em dicotomias entre as classes sociais, já havia me apropriado das lições de Carlo Ginzburg, (1993), e desconfiavam dos esquemas binários.

Elegi três pessoas, todas entrevistadas em diferentes momentos e que alimentaram a pesquisa durante sua trajetória, com várias pistas, uma delas foi uma lista contendo uma relação de nomes de possíveis entrevistados. Depois de analisar os nomes que foram sugeridos e as razões pelas quais constavam na lista, escolhi para entrevistar o Sr. José Alves dos Santos, pequeno proprietário, que trabalhou muitos anos na agavicultura para terceiros.<sup>3</sup> Sr Zuza era um exímio contador de histórias, e conhecia a história do capa verde e do agave. Portanto tinha muitas expectativas em relação a esta entrevista. Finalmente chegou o dia do nosso encontro para gravarmos a conversa. Depois de vários minutos de gravação, havia chegado o momento de interrogá-lo sobre os receios que ele havia sentido em relação ao capa verde. Imediatamente ele remeteu sua fala ao presente e disse: “Agora a gente tem rádio, televisão e tá aqui conversando com você.”<sup>4</sup>, Desta forma ele deslocou minha pergunta e esquivou-se de uma resposta direta.

O Sr Zuza, iniciara sua resposta com um sorriso, como se carinhosamente caçoasse de mim e ao mesmo tempo desautorizasse minha pergunta como se ela fosse absurda. Mas, eu estava determinada e sabia que para os meus objetivos a minha questão não era desimportante. Outros entrevistados tiveram reação semelhante. Então, eu estava diante de dois problemas reelaborar meu questionário e ler esta prática assumida pelos meus narradores.

---

<sup>3</sup> José Alves dos Santos, 74 anos, casado com D. Marina, com quem tem duas filhas. Herdou do pai alguns poucos hectares de terra, trabalhou na agavicultura para vários patrões no município de Cubati e próximo a este. Este antigo trabalhador de agave é conhecido na região onde vive por Sr. Zuza, tratamento que adoto neste texto. Entrevistado em Cubati, em novembro de 2002. A idade que consta neste trabalho para este e todos entrevistados citados é a que estes apresentavam no ano em que foram entrevistados.

Primeiro, ainda no campo de pesquisa redirecionei o inquérito, começando este bloco com indagações mais amenas algumas delas pareciam absolutamente desvinculadas da profecia, ao invés de abordá-la num primeiro momento, só fazendo isto, basicamente, no final deste grupo de perguntas, quando indagava diretamente o assunto. O conjunto das respostas forneceu pistas para no decorrer do trabalho entender melhor os sentidos que os lavradores atribuíam a esta lenda e ao próprio agave.

Segundo, ao tratar as entrevistas, busquei problematizá-las. Neste sentido, a noção de documento/monumento, proposta por Jacques Le Goff, (1994), fora bastante relevante. Assim, buscava desnudar o documento, observando as pressões que marcavam as falas dos entrevistados.

Num primeiro momento pensei que a fuga a questão era uma reação típica de um grupo tradicional e inclusive machista, uma vez que, a maioria dos meus entrevistados era do sexo masculino e assim tinham mais dificuldades em admitir o medo que para eles representa fragilidade, “moleza” enfim “ não é coisa de homem.”

Compreendia também que as narrativas dos lavradores eram produzidas a partir da minha intervenção constante, da minha presença e da minha própria estética. Pois, por um lado, elaborava perguntas conforme os meus propósitos e também para me localizar e me situar diante das falas dos entrevistados. Por outro lado, os entrevistados falavam ou silenciavam norteados por suas intenções de guardarem ou publicizarem experiências que eram suas ou que fazia parte das histórias de um grupo que tinha sua identidade. Os lavradores, portanto, faziam uma leitura de mim, e esta influenciava nas suas respostas. Eles me visibilizavam como a entrevistadora da cidade, de outro local, com hábitos e valores diferentes dos seus. Este olhar dos agricultores estava presente em todos os diálogos que estabelecemos.

Entendo, assim, a resposta do Sr. Zuza balizada pela minha presença, pois para ele, e os demais lavradores eu era uma “ pessoa de fora”, uma pessoa urbana, da cidade grande, que talvez não comungasse de suas leituras, e que ao mesmo tempo apropriasse desta como símbolo do atraso, da ignorância conferida aos homens que moram no campo.

De um modo geral, a imagem do caboclo rude e desinformado permeia o imaginário dos cidadãos, que desqualificam a cultura daqueles atribuindo-lhes signos que a vinculam as noções de atraso e incivilização. Os lavradores tem esta dimensão e certamente também incorporaram elementos destes discursos na construção da sua própria identidade. No caso específico da Paraíba, a pesquisa no arquivo mostrou que os

trabalhadores rurais, desde pelo menos os anos de 1930 foram sistematicamente denominados pelo governo de ignorantes, atrasados e “avoengos” por discordarem da “agricultura científica,” tal como definida e planejada pelas elites técnicas paraibanas. (NUNES,1996) Estas divulgavam suas idéias por meio de programas de rádios escutados pelos lavradores, sobretudo nos dias de feiras, graças ao política de difusão criada pelo governo paraibano no final de1930, entre outras.

Entretanto, no presente o narrador e outros agricultores não aceitavam os símbolos que os vinculavam ao atraso mostrando-se detentores de uma cultura midiática que também julgavam compor a minha própria cultura. Assim, eles imediatamente diziam que não ficavam temerosos em relação ao vaticínio porque, atualmente, são pessoas informadas, e como a entrevistadora, estão também mediatizados, pela cultura midiática, signo da modernização.

Uma possibilidade, portanto, é a de que os agricultores acreditassem que a minha noção de cultura era hierarquizada e preconceituosa. Assim, o recuo do narrador em relação a um medo do passado seria apenas uma resposta a minha presença e minhas interpelações? Seria só fruto do estranhamento entrevistado e entrevistador provenientes de universos culturais diferentes? Ou uma prática machista? Acredito que não deveríamos descartar estas alternativas, mas, compreendo as narrativas tecidas com fios e cores muito específicos de uma trama peculiar urdida por homens como o Sr Zuza e mulheres como D. Mariana, ainda não citada.

Antes de continuar minhas inferências quero deixar claro que tinha uma relação muito afetiva com vários dos meus entrevistados, e mesmo não compreendendo que este aspecto anula o estranhamento: entrevistadora/entrevistado, considero importante pontuar algumas questões. A minha relação com vários depoentes, começara na minha infância. Cresci ouvindo as belas estórias de trancoso contadas por alguns dos meus entrevistados. Desta forma, tínhamos uma relação não só de respeito e cordialidade, mas permeada pela afetividade. A prática de tecerem narrativas para mim fazia parte do nosso passado, da nossa história, portanto, não era algo completamente estranho para nenhum de nos. Acredito que este fato os deixava mais tranquilos para contarem suas histórias, mesmo em outro momento das nossas vidas e ocupando posições distintas daquelas do passado, inclusive mediatizados pela presença de um gravador, e de um olhar, o meu, que não devia mais ser familiar: era o olhar da pesquisadora.

Ademais, apesar das várias diferenças, comungo da mesma identidade territorial dos protagonistas da história, que buscava contar. Assim, compõe também a minha

identidade traços culturais muito próprios dos caririseiros, certamente subjetivados por uma trajetória de vida distante, bastante distinta das vidas dos narradores.

Embora, entendendo que este conjunto que envolvia sentimentos, estranhamentos, tecnologias entre outros os intimidava. Acredito decididamente, que o território da historiadora “envolvida emocionalmente” e afastada dos interesses econômicos e das relações de poder local me proporcionou algumas credenciais relevantes para construção das histórias de vidas e a interpretação destas.

Para continuar a minha discussão, convido, mais uma vez Sr. Zuza para falar:

Agora o carimbo da besta fera eles tinham mais medo. Era tudo assombrado, eu não sei o que é o Padre Cícero falava: haverá de vir o capa verde e o carimbo da besta fera. Era tanta coisa que no fim o capa verde tornou-se a ser o agave, não foi? E o povo na época não sabia o que significava o capa verde nem o carimbo da besta fera. Era tudo assombrado. No fim achava que o capa verde era o agave. ....Sei lá como era mais. Tinha que vim esse capa verde. Era o povo com isso assombrava com essa conversa. Achando que era coisa do outro mundo. Mas que era a história. No fim terminou, sendo o agave, num foi? <sup>5</sup>

Menos de um ano depois voltei a conversar com o Sr. Zuza sobre este mesmo tema e ele disse:

O povo tinha aquele medo. O povo tinha aquele medo. Mas, ficava esperando nunca viram nada. Eles pensava assim, era uma praga de gafanhoto. Que sempre gafanhoto é esverdeado. É o povo naquele tempo, tudo que vinha na cabeça, eles pensava em coisa assim, diferente.<sup>6</sup>

Vários aspectos são relevantes nestes documentos, mas, o que gostaria de destacar é a forma como o Sr. Zuza tratava as pessoas que acreditaram na profecia do capa verde denominando-as de “*povo*”, ou ainda, usando a terceira pessoa do plural: “*eles*”, portanto, isentando-se de qualquer participação e afastando-se assim, da possibilidade de no passado ter sido de alguma forma atingido pelo medo.

Ora poderíamos, inicialmente, pensar que Sr. Zuza e a maioria dos entrevistados eram ainda muito jovens, senão crianças, quando ouviram as primeiras histórias do “capa verde”. Por isto, ecoavam sempre, na memória dos homens e das mulheres dos Cariris Velhos, as palavras dos outros: “o povo” ou “eles”. De acordo com a pesquisa estes eram quase sempre familiares dos entrevistados, pessoas mais velhas, cordelistase

<sup>5</sup> José Alves dos Santos. Entrevistado em Cubati, em novembro de 2002.

<sup>6</sup> José Alves dos Santos, entrevistado em Cubati, em setembro de 2003.

e até padres. Pois, quando a maioria dos entrevistados ouviu as primeiras apropriações vinculando o capa verde ao agave, nos anos de 1940/50, eles ainda eram crianças, tinham entre 10 e 15 anos. Por isto são muito presentes em suas memórias as vozes de outras pessoas. Mas, tal fato longe de afastar os agricultores desta crença nos fornece uma dimensão sobre os sentidos destas falas em suas vidas, e como tais atores foram também mobilizados emocionalmente pelo o universo do medo envolvendo o capa verde e o agave, justamente, porque tais falas foram acionadas por pessoas da sua extrema confiança, as quais amavam e eram importantes em suas vidas: seus pais e avos, e na comunidade: parocos e poetas.

Retomando as indagações anteriores, a pesquisa mostrou que existiam pelo menos duas outras razões para as respostas dos narradores, que não excluía as tensões já mencionadas.

Primeiro, os trabalhadores rurais reinventaram a profecia do capa verde associando-a ao agave. Entendo que tal recriação estava pautada nas experiências traumáticas dos lavradores, vinculadas aos acidentes de trabalho à realização das atividades em cadeia; no contexto perturbador gerado com o cultivo da planta, como a diminuição das áreas dedicadas aos roçados; no aumento da monetarização na região; entre outros aspectos que sabotavam a sua cultura. A experiência dos trabalhadores vivenciada a partir destas mudanças, estava articulada ao campo da religiosidade de onde estes capturaram os signos para reelaborarem a profecia. Desta forma, deslocaram a lenda do espaço sobrenatural para o território da materialidade, à medida que a lida do agave os atingia diretamente por meio de uma “engenharia agrícola” que eles desconheciam, que os assustava pela violência, o trabalho exacerbado e as marcas que deixavam em seus corpos: furando-os, “comendo seus dedos” e cegando-os, tal como dizia o vaticínio imputado ao Padre santo.

Assim, os agricultores passaram a acreditar que o capa verde, isto é o diabo era o agave- que também lhes causavam danos semelhantes aqueles anteriormente atribuídos ao capa verde. Portanto, agave e capa verde era a mesma coisa. Afinal existiam muitos pontos em comuns entre a planta e a representação do diabo, metaforizado de capa verde. Partindo deste entendimento haviam decifrado os enigmas presentes na profecia do capa verde, uma vez que a decodificaram como o agave.

Segundo, os vaticínios da besta fera e do capa verde apareciam juntos tanto nos cordéis como nas falas dos narradores. No presente comparavam sempre a história do capa verde a do carimbo da besta fera e neste sentido aquela perdia a sua força, uma

vez que havia sido decifrada pelos agricultores. O capa verde nada mais era do que o agave, enquanto a outra permanece um enigma. O que confere a ela um caráter mais aterrorizante e status de mistério, indecifrável até os dias de hoje: “*eu não sei o que é*”, como disse Sr Zuza, anteriormente, assim o seu desvelamento resistiu aos saberes dos homens, portanto, inacessível à razão humana. Ao passo que o “capa verde” foi desocultado pelos trabalhadores rurais, que ressignificaram o enigma e o suspense em torno dele. A comparação com algo assustador e o desvendamento: a transformação do capa verde no agave, esvaziavam em parte os receios do passado.

Desta forma, grande parte dos entrevistados se sentia acanhados para assumir um receio, do passado, porque no presente a história do capa verde revelou-se banal, pois ele era o agave, uma história que os agricultores aprenderam a naturalizar no seu cotidiano.

Mas, certamente, os dois vaticínios geraram controvérsias entre os lavradores, e eram ambos assustadores. Portanto o medo do capa verde lhes cercava de tal forma que se deslocara para o presente, em palavras que escaparam durante as entrevistas, como recriou D.Mariana: “*Não porque o pessoal pensava, assim, que o capa verde era o satanás. Muita gente pensava nisso. Ave Maria*”.<sup>7</sup> A fala de D.Mariana, mais uma vez ressalta os temores alheios, isto indicia que o transtorno em admitir o medo, não é uma postura meramente relacionada ao gênero e ao mesmo tempo revela o seu próprio medo simbolizado na expressão “*Ave Maria*”, desvelando, portanto, o escrúpulo em relatar sobre um tema proibido, inaudito, que de tão aterrorizador, deveria ser ocultado, pois tratava-se da personificação do diabo no capa verde. A materialização desta memória cerca de 70 anos depois dos primeiros contatos da narradora com a profecia do capa verde indicia o medo de que tal vaticínio posteriormente, desdobrado na profecia do agave geraram nos lavradores.

## **REFERÊNCIAS:**

### **Entrevistas**

PALMEIRA, Gentil Venâncio. Entrevista, Cuité, jul., 1995

SANTOS, Mariana Alves dos. Entrevista, Cubati, nov., 2002

SANTOS, José Alves dos. Entrevista, Cubati, nov., 2002 e set., 2003

---

<sup>7</sup> D.Mariana Alves dos Santos, conversa gravada em Cubati, setembro de 2003. Embora D.Mariana não tenha sido entrevistada por mim, ela acompanhou e participou das entrevistas que realizei com o seu marido, Sr. José Alves dos Santos, já mencionando.

## **Bibliografia**

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004

BARAUNA, Cipriano. **A Profecia do Agave ou Capa Verde**, predita pelo Padre Cícero na Era de 1918. S/d

\_\_\_\_\_. **A profecia do Agave e as 3 Datas do Mundo se Acabar**. S/d

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

COSTA Ramilton Marinho. **O Capa Verde: Transformações Econômicas e Representações Ideológicas dos Trabalhadores do Sisal**. Dissertação, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campina Grande, 1989.

DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente – 1300-1800 uma Cidade Sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANCO Jr., Hilário. **Cocanha: A História de um País Imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GINBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEITE, José Costa. **Os sinais do fim do mundo e As três pedras de carvão**. S/d

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

MARIA, Enock José de. **A voz do Padre Cícero**. S/d

MONTENEGRO, Antônio Torres de. **História Oral e Memória: A Cultura Revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: A problemática dos lugares”. In. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós Graduação em História da PUC. São Paulo-Brasil, 1981.

NUNES, Mariângela Vasconcelos. **Maldição e Bênção: Algumas Histórias do Sisal na Paraíba (1930-1953)**. Dissertação Universidade de Brasília. – UNB, Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. **Entre O Capa Verde e a Redenção: A Cultura do Trabalho com agave Nos cariris Velhos (1937-966)**, Tese . Universidade de Brasília- UNB, Brasília, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**. Ensaios sobre a Civilização e Grupos Rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973.

THOMPSON, Edward Palmer. **Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros.** Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar / Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. I, 1987.

SERAFIM, Manoel. **A verdadeira profecia do agave e sua embolada.**